



## **Temporalidades na Formação - Rumo a Novos Sincronizadores**

**Gaston Pineau**

Título Original: Temporalités em Formation

© Ed. Anthropos, 2000

Direitos desta edição para a língua portuguesa reservados a

TRIOM – Centro de Estudos Marina e Martin Harvey Editorial e Comercial Ltda.

Rua Araçari, 218

01453-020 – São Paulo – SP – Brasil

Tel/fax: 11 3168-8380

[editora@triom.com.br](mailto:editora@triom.com.br) / [www.triom.com.br](http://www.triom.com.br)

Tradução: Lucia Pereira de Souza

Revisão: Jandyra Lobo de Oliveira e Vitória Mendonça de Barros

Revisão gráfica: Ruth Cunha Cintra

Capa, diagramação, fotolitos: Casa de Tipos Bureau e Editora Ltda.

## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O TEMPO

*"São 8 horas da manhã. Hoje é sábado, 25 de março de 2000. Eis as previsões meteorológicas para o dia."* Todas as manhãs ou de hora em hora, se quisermos, as mídias fazem penetrar na existência, como cápsula condensada, que horas são, como está o tempo e como estará. Existe alguma outra palavra senão o tempo com uso tão diário e com tão grande extensão? Seus sentidos projetam-se com violência, pelo menos em três direções que explodem em seguida em feixes como fogos de artifício, fazendo entrever um enorme panorama: a temporalidade com suas múltiplas facetas resplandecentes de futuro ou de lembranças, de ser ou de devir, de tempo forte ou de tempo morto, de tempo de lazer ou de tempo de trabalho, de horário ou de férias, do estado da atmosfera: o tempo está bom ou fechado? Vai chover? E, finalmente, o manejo lingüístico dos fatos e dos atos na difícil conjugação dos verbos e ainda na mais difícil concordância dos tempos.

O tratamento rápido e comum desta polissemia se faz quase automaticamente sobre a base implícita de uma plataforma sociolingüística comum de compreensão. Como observava Einstein: *"O adulto normal nunca quebra a cabeça com problemas de espaço e de tempo. Em sua opinião, tudo o que deve ser pensado a este respeito já foi elaborado na primeira infância."* O que é tedioso é que atualmente a plataforma está cada vez mais atravancada, às vezes afunda, outras se levanta, em uma palavra, fica cada vez mais instável. O espaço-tempo surge como um recurso esgotável, cada vez mais raro e cobiçado e, por conseguinte, disputado e procurado.

O tempo é simultaneamente o dinheiro e o espaço do desenvolvimento humano. Assim a corrida contra o relógio chega ao apogeu e o domínio do uso do tempo torna-se o desafio central das lutas sociais e individuais para a vida, a sobrevivência e o desenvolvimento. Domínio difícil que impõe pelo menos que se tomem as medidas da plataforma e, para fazê-lo, ao chegar perto de suas bordas, que perigo! E olhar para baixo a fim de avaliar sua espessura. Então, que horror, percebe-se que ela flutua em um oceano com profundezas invisíveis e abissais. E começa a vertigem, a flutuação pessoal: *"Então, o que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me pergunta, não sei"* – já constatava um daqueles grandes exploradores antigos, Santo Agostinho (*Confissões*, Livro XI). O tempo é uma daquelas noções básicas no limite da compreensão porque está ligado às matérias-primas, ao telúrico, ao cósmico, ao físico, ao biológico, ao psíquico, ao social; ligação triplamente fluida em função da fluidez dos elementos ligados e de sua relação.

Antes de mergulhar nessas perigosas ligações vamos determinar na plataforma da linguagem cotidiana os atrativos temporais que serão pontos de abordagem. O início do

boletim de notícias apresentado no começo – a data – será o primeiro atrativo. Depois serão trabalhadas as questões automáticas de localização rápida: Que horas são?, ou demorada: Qual a sua idade? Inscrito no contexto das condutas verbais vistas como condutas temporais tornando presente o que está ausente, o substantivo tempo será abordado diretamente com algumas palavras do vocabulário temporal. Será finalmente questionada, como indicadora de contratempo, a banalidade de um imperativo temporal tão freqüente que fica inconsciente: Espere!

## 1. DATAS

Provavelmente a datação é para o homem o que o urinar é para certos animais: uma prática de marcação de território, de marcação temporal de um território humano: a história. Antes das datas está a pré-história. E o atual fato generalizado de datar dias, jornais, cartas, acontecimentos, encontros... é o que marca de forma tão profunda a temporalidade social assim como a física e até mesmo a metafísica, e com tanta força que quase fica invisível. Uma decodificação sucinta deste sistema de marcação temporal não é supérflua para explicitar todas as ligações que ele tece sem sabermos. Tomemos a data do início: sábado, 25 de março de 2000, começando pelas palavras sábado e março e acabando pelos números 25 e 2000.

### 1.1 Os dias e a semana

Sábado: quem ainda se lembra do significado deste dia além de sua localização no fim da semana? *Saturni dies* (dia de Saturno). Como os outros dias da semana (quadro 1), ele remete aos planetas conhecidos por ocasião da divisão do tempo em períodos de sete dias [(semana: *septimas* (sétima))], a divisão feita desde a mais alta Antigüidade pelos povos orientais e, neste caso, diga-se, pelos caldeus.

QUADRO 1 – *Significado etimológico dos dias da semana*

Domingo	Sunday <i>Dies dominicus</i>	dia do Sol
Segunda-feira	Monday <i>Lunae dies</i>	dia da Lua

Terça-feira	<i>Martis dies</i>	dia de Marte
Quarta-feira	<i>Mercurii dies</i>	dia de Mercúrio
Quinta-feira	<i>Jovis dies</i>	dia de Júpiter
Sexta-feira	<i>Veneris dies</i>	dia de Vênus
Sábado	<i>Saturni dies</i>  e/ou  <i>Sabbati dies</i>	dia de Saturno

Estes povos tinham tal conhecimento e consciência das ligações planetárias que, denominando cada dia ligavam sua organização sociotemporal a uma unidade cósmica mais ampla. *"O tempo dos calendários ilustra de forma simples esta dependência do indivíduo a um universo onde existem quantidades de outros seres humanos, portanto uma realidade social e múltiplos processos físicos, portanto um mundo natural."* (Élias N., 1996, p. 35) Crença mítica ultrapassada ou consciência ecológica não menos sensível que deve reatualizar a conquista técnica atual do espaço se não quiser se arriscar a uma guerra fatal das estrelas. Em todo caso, estas sete ligações cósmicas que se manifestam cinquenta e duas vezes por ano constituem uma herança dura que nem a Revolução Francesa (instituição, em 1793, da semana de dez dias), nem a Revolução Russa (tentativa de uma semana de cinco dias em 1929, de seis dias em 1932, para voltar a sete dias por volta de 1940) conseguiram liquidar. Resta usar todos os sentidos destas ligações para viver pelo menos inteligentemente.

Por exemplo, a história do domingo, mesmo que só a contemporânea, é útil para habitar pessoalmente estas divisões temporais semanárias que Giannini (1992) e Zerubavel (1985) usam como quadro temporal importante da existência cotidiana. A partir do século XVIII, *"nosso atual dia de repouso perde, antes de mais nada, seu caráter puramente religioso, transforma-se em dia de festa popular, é questionado pela Revolução, antes de ser varrido no século XIX por uma industrialização devoradora de mão-de-obra e de tempo. O domingo logo ressurgue com dignidade em fins do século XIX; com efeito, nele são descobertas vantagens higiênicas, morais e sociais. A instituição dominical, dia de descanso e da família, sobreviverá até nossos dias, quando será questionada por sua banalização do week-end na classe média, pelas mudanças de modo de vida e pela pressão dos imperativos comerciais. O domingo resistirá a esta nova crise?... Desejo que as elites religiosas e laicas tenham de controlar as práticas dominicais das classes populares. As*

*vésperas contra o baile, o esporte contra o restaurante, o supermercado contra o passeio... O domingo não pára de suscitar paixões e controvérsias."* (Beck R., 1997)

## 1.2 Os meses do ano

Superposição paradoxal de um ciclo lunar (o mês é a duração da revolução da Lua em volta da Terra) a um ciclo solar (o ano é a duração da revolução da terra em volta do Sol). Esta divisão lunar do ano solar deve-se aos egípcios e impôs-se gradativamente – entre outros aos romanos – apesar dos ajustes pacientes que tiveram de ser feitos. Por quê? Provavelmente por causa do duplo fascínio dos movimentos da Lua e do Sol, que resistem a uma simples aritmética. O Sol, diariamente, semelhante a si mesmo, simboliza a repetição sem alteração, ao passo que a Lua, *"com ritmo de aparecimento variável exprime o novo, o incerto."* (Attali J., 1982, p. 302) Recorrer a esses dois movimentos é abrir-se à possibilidade de ritmos diferentes.

O mês representa uma duração mística e prática. *"A Lua, durante muito tempo foi objeto de admiração e de veneração, por isto o mês muitas vezes revestiu-se de significado místico em várias sociedades."* (Goudsmith S.A. et alii, 1969, p. 23) Assim o ponto alto do ano litúrgico cristão – a Páscoa – é determinado pela Lua nova da primavera. Mas atualmente este significado religioso está praticamente escondido pela unidade de tempo comercial e bancário que representa: a mensalidade é a referência dos aluguéis, dos transportes, das faturas, dos pagamentos. O fato de o mês lunar servir de divisão comum aos calendários, tanto orientais (chinês, árabe) quanto ocidentais, prova sua força na marcação do tempo.

O significado etimológico dos nomes dos meses não tem a unidade de referência dos nomes dos dias, ainda que traga a marca romana: os cinco primeiros referem-se à mitologia romana; junho, julho, agosto, à sua história, e os quatro últimos, a seu lugar no calendário inicial, que começava em março com o deus da guerra e que tinha apenas dez meses. (ver quadro 2)

QUADRO 2 – *Significado etimológico dos meses do ano*

Janeiro	Janus	Deus das portas, com dois lados
Fevereiro	Febrarius	Mês dos mortos (para os romanos)

Março	Martius	Deus da guerra
Abril	Aprilis	
Maiο	Maius	Mês da deusa Maia
Junho	Junius	Mês da deusa Juno
Julho	Julius	Mês de Júlio César
Agosto	Augustus	Mês de Augusto
Setembro	September	Sétimo mês do ano romano
Outubro	October	Oitavo mês do ano romano
Novembro	November	Nono mês do ano romano
Dezembro	December	Décimo mês do ano romano

É interessante notar que Ianus, comemorado em janeiro na abertura do ano, é o deus dos dois lados da porta que se abre e se fecha, deus que muitas vezes simboliza o tempo.

A unidade temporal básica de longa duração é o ano. De *annus*, círculo, o ano simboliza o ciclo temporal típico que se fecha perfeitamente. Contudo, o fato de que durante séculos se tenha desprezado o sentido deste círculo (pensava-se que era o Sol que girava em volta da Terra) deve levantar a suspeita sobre esta aparente perfeição cintilante. Em primeiro lugar, não se trata de um círculo, mas de uma elipse, e ela não se forma com exatidão em cima de uma superfície plana, o que faz com que não se feche perfeitamente, ainda mais que nada é fixo. Assim é muito difícil determinar a medida exata do ano: dependendo dos pontos de referência, distingue-se o ano sideral solar, igual a 365 dias, 6 horas, 9 minutos, 9,6 segundos; o ano normal (365 dias, 5 horas, 48 minutos, 49,6 segundos) e o ano anomalístico (365 dias, 6 horas, 13 minutos, 56,8 segundos). Estas variações, acrescidas do fato de que a determinação dos meses e dos dias refere-se a outros ciclos astronômicos – a Lua e a Terra – fazem com que sua articulação perfeita constitua um problema ainda não resolvido, mesmo que seja um dos mais antigos da humanidade: sempre escapam tempos das montagens calendárias mais engenhosas. Melhor prova – contra um desejo lógico de um controle total do tempo pela construção de

um tempo absoluto, universal – da relatividade dos tempos que sempre encontram contratempos ligados a outros espaços. Talvez também melhor barreira.

### 1.3 Algarismos

Com os algarismos servindo para datar, surgem instrumentos muito poderosos para fixar o tempo, para nos articular com os tempos dos outros; tão poderosos que muitas vezes a data se reduz a uma série de algarismos, 25/3/2000. Este recurso numérico prático, fazendo com que esta inscrição na história humana se pareça com a numeração de qualquer relatório, corre o risco de acentuar o lado arbitrário dos algarismos e de esconder sua dimensão social e simbólica. 50% das crianças quebequenses no fim do primário não sabiam a que se referia 1986 (*La Presse*, 22 de março de 1986). E no ano 2000, 75% da população francesa desconhecia a origem cristã do calendário. Eram incapazes de decifrar esses números, de compreender seu significado, mesmo podendo lê-los.

Ora, na verdade, parece que entre os números e o tempo existem ligações profundas que fazem da numeração algo mais do que uma mera tarefa de quantificação do tempo. Esta quantificação que o divide em unidades permite que ele seja rapidamente localizado e contabilizado conforme referenciais comuns e objetivos. Se o tempo é a medida do movimento, é compreensível que o número seja o melhor instrumento de cronometria, de contabilidade. Mas dar a medida não se limita a quantificar, é também ritmar o movimento. *"O tempo é... menos comparável ao continuum de uma linha geométrica do que ao ritmo original mais elementar da série numérica."* (Von Franz M.L., 1983, p. 250) Ele é feito, como a série numérica de continuidade e de descontinuidade, de espaço, de intervalo e de deslocamento. *"Não é por acaso que a palavra grega arithmos (número) seja da mesma raiz que rhythmos (ritmo). Ambas vêm de peiv (fluir)."* (id.) O número não é somente o indicador quantitativo daquilo que flui, corre, rola ou voa, é também o fator de articulação destes movimentos com o aqui e o agora.

Datar é indicar quanto tempo transcorreu até esta data, mas também é situar a existência em um movimento histórico, articulá-la com este, tentar estabelecer uma sincronização com ele. É almejar uma sincronização dos movimentos, pessoais e transpessoais. Marie-Louise von Franz, em seu livro *Nombre et temps. Psychologie des profondeurs et physique moderne* (1983), apresenta o número como fator de organização comum da psique e da matéria, e em particular como fator de sincronicidade entre as duas. A prática milenar e diária de numeração do tempo é, portanto, um ponto muito concreto de fixação temporal que exige um desenvolvimento das decifragens até agora restritas demais aos eruditos. *"A medida do tempo é essencial (e não marginal ou somente ôntica), mas suas formas quantitativas não são sempre aquelas que permitem medir melhor a dimensão*

*temporal.*" (Janicaud D., 1997, p. 274) Principalmente porque constantemente precisamos fazer as contas para responder a perguntas de localização temporal: Que horas são? Qual é sua idade?

## 2. PERGUNTAS

### 2.1 Que horas são?

Quantas vezes por dia esta pergunta é feita... obrigatoriamente nas sociedades modernas que só podem funcionar com a plataforma de uma temporalidade homogênea, a mesma para todos? O respeito aos horários é condição importante para seu funcionamento. Com frequência cada vez maior os transportes – aviões, trens, ônibus – que os desobedecem além da conta, são processados por passageiros em conjunto. Os relógios simplesmente visuais não bastam; muitas vezes eles são complementados por *bips* sonoros para lembrar a hora.

Se desde os egípcios a hora constitui a unidade básica da divisão do dia – *hora* quer dizer período de tempo –, ela praticamente se tornou, nas sociedades modernas, o regulador da vida, a lei da organização social. *"A máquina-chave da era industrial moderna não é a máquina a vapor, é o relógio."* (Mumford L., 1950, p. 23) Aliás, etimologicamente relógio significa a expressão da hora. E a influência do horário se estende na medida em que esta expressão pode ser ouvida e visualizada por mais pessoas: nas cidades em primeiro lugar, desde o século XIV, quando a mecanização permitiu a colocação dos relógios nas torres: *"A partir de meados do século XIV, todas as cidades da Europa se apressam: para que soubessem, em alto e bom som, que eles controlam o tempo dos cidadãos, os magistrados municipais ou os príncipes não deixavam nenhuma torre, nenhum campanário sem relógio"* (Attali J., 1982, p. 102). Depois, à medida que o mecanismo fica mais leve, a lei da hora desce para as ruas, penetra em todos os interiores; um instrumento torna-o visível em toda parte e todo o tempo: o relógio de bolso ou de pulso.

Atualmente pode-se dizer que o relógio de pulso é para os ocidentais o que a coleira é para os cachorros: o instrumento da socialização, para não dizer da domesticação. E estes ocidentais tentam impor este instrumento aos não-ocidentais para "colocá-los no horário", enquadrar sua temporalidade julgada não produtiva por ser diferente. Vai longe o tempo em que os "membros da comuna" de Paris destruíam os relógios como instrumentos-símbolo de sua alienação, de seu enquadramento aos horários marcados, cadenciados e contabilizados. Atualmente não só a religião do horário está instituída de forma incontestável nas famílias, nas escolas, nos locais de trabalho e até mesmo nos lazeres e nos esportes, mas ela tende a declarar suas exigências quanto à meia hora, ao



quarto de hora, até mesmo ao minuto e ao segundo. *"A ciência moderna exige unidades menores ainda. Com os cálculos complicados que impõe, a grande aventura espacial vivida pelo homem impõe o emprego de segundos, de milésimos de segundos, de microssegundos, que constituem presentemente unidades importantes da medida do tempo."* (Goudsmit S.A., 1969, p. 30) Talvez num dia não muito distante, a pergunta automática que faremos até a desconhecidos não seja: Que horas são? mas: Que minuto? com a expectativa de precisão de segundos!

## 2.2 Qual a idade?

Uma outra pergunta banal que constitui a atual plataforma sociotemporal comum é: Qual a idade? Responder a esta pergunta é uma preliminar a qualquer emprego e qualquer educação. A sós ela se torna indiscreta a partir de uma certa idade. Mas ninguém pára antes de poder dar uma idade... numérica a seu semelhante. Esta questão onipresente não significa um interesse particular pelas pessoas. Ela só é tão empregada porque a escala das idades tornou-se uma escala social muito importante para classificar as pessoas na plataforma: ele passou da idade, ele está atrasado; ele está adiantado; nessa idade!

*"A idade tornou-se um elemento numérico de sua identidade. Pergunte a qualquer um: 'O que é a idade?' e ele hesitará entre várias definições e não saberá responder. Pergunte-lhe sua idade: a resposta, talvez a contragosto, como uma confissão, virá imediatamente sob a forma de um número. Hoje a unidade de medida da duração tornou-se a coisa em si e o número de anos vividos – ou idade – tornou-se parte constitutiva de nossa identidade."* (Sullerot E., 1986, p. 32)

Quase sem saber o que ela realmente é, a não ser um lugar preestabelecido nos níveis da escala. *"A idade transformou-se em um número. Não é uma vivência progressiva. Todos os anos, quando chega o dia de seu nascimento, de uma hora para outra você envelhece um ano de uma vez alterando o número sinalético."* (Sullerot E., 1986, p. 32)

A idade sempre foi uma referência sociotemporal importante. Inicialmente ela designou a passagem da vida no tempo, indo muito além da vida humana individual... Fala-se da Idade da Pedra, da Idade Média. E, nesses casos a idade designa durações de vida que se estendem por séculos. A raiz grega *Αἰών* significa tanto a idade humana como século. Mas cada vez mais, a expressão "idade de vida" remete espontaneamente a grandes períodos da vida humana, que aliás estão em plena redefinição: fala-se ainda da 3ª idade, assumindo-se sem contestação que existem somente duas outras anteriores, ao passo que atualmente nada é tão pouco evidente. E ainda, se "a idade dourada" representa

uma realidade para algumas pessoas, para muitas outras esta denominação é falaciosa e até alienante. Ela doura a pílula para que seja tomada com mais facilidade.

A idade é, portanto, uma referência importante demais para ser reduzida a um algarismo. Ela precisa ser decifrada. É impossível deixar de responder à pergunta: Qual sua idade? Mas para utilizá-la e exorcizá-la, principalmente se a tememos, e para aparentar a idade que tem, para se apropriar dela é preciso também se situar e situar a outra pergunta: O que é a idade? E o que fazer com ela? A prova da idade é uma das cinco situações nevrálgicas que Boutinet destaca para caracterizar os problemas do adulto pós-moderno. (1998, p. 157-174)

### 3. VOCABULÁRIO COMUM

As respostas a estas perguntas usuais: Qual sua idade? Que horas são? Que dia é hoje? – inscrevem-se automaticamente em uma cronologia social e podem reduzir o tempo – e nos reduzir, de tal forma ser e tempo estão ligados – ao algarismo bruto dado, a uma cronometria. Mas também existem palavras cotidianas que fixam outras dimensões temporais... ainda aqui sem o sabermos. Tomemos consciência destes instrumentos lingüísticos de todos os momentos.

Em primeiro lugar, a palavra tempo. Sua dupla etimologia possível pode servir para estruturar seus duplos sentidos que tanto desconcertam os amadores e profissionais dos sentidos únicos. *"A palavra tempo tem dupla etimologia. Ela possivelmente é derivada de cortar, da mesma família de templo, átomo; ou de tensionar, estirar, que diz exatamente o contrário."* (Serres M., 1980, p. 147) Dependendo da sensibilidade para a continuidade ou para a descontinuidade, um dos sentidos será privilegiado. No rio que corre, arquétipo clássico do tempo, a água será vista como sempre renovada ou sempre como ela mesma. O deus Crono, para continuar a ser único, castra seu pai Urano, o céu estrelado, e seu filho Zeus. Ele fica preso numa "dupla submissão", entre o impulso de fecundidade que o liga aos outros e o da autocriação por meio da gênese absoluta, pela ruptura. Cortando os órgãos genitais de seu pai e de seus filhos, ele nega a si mesmo ao mesmo tempo que quer se afirmar: ele se inscreve dentro de uma duração, ao mesmo tempo que é radicalmente diferente. Foi preciso Zeus intervir para que a contradição fosse deixada para trás, passando para um outro nível de lógica atemporal.

Este sentido duplo inscrito nos arquétipos e mitos temporais e foco de polêmicas históricas é diariamente perturbado pelo jogo do vocabulário comum. Sem se apoiar em estudos lingüísticos sistemáticos que, pelo que sabemos, continuam em grande parte por fazer, muitas palavras do vocabulário temporal podem se classificar etimologicamente conforme a referência: movimento, estagnação ou cisão do movimento. Na primeira categoria, remetendo ao significado da mobilidade, classificam-se significados criados em torno da palavra vir: devir, sobrevir, porvir. Estas palavras temporais centrais exprimem a

mudança, em ação passada ou futura. Ao passo que uma outra série de palavras igualmente centrais tenta exprimir uma certa parada no movimento, uma certa imobilidade, uma certa duração: é o presente, o instante, o momento.

É como se o tempo fosse um *iceberg* a cuja ponta, às vezes, se tenta chegar subindo por dois declives muito escorregadios, do porvir e do sobrevir, do passado e do futuro. Nossa imagem de plataforma temporal está ganhando contornos. Pelo menos não é achatada. É aí que poderia se inserir um aprofundamento nas formas lingüísticas dos verbos para abordar um pouco as mil acrobacias reflexivas a serem desenvolvidas para existir historicamente, ou seja, conjugar as partes emersas e imersas do *iceberg* graças a uma difícil concordância dos tempos. A única coisa que podemos fazer é voltar ao livro de Harald Weinrich, *Le Temps* (Seuil, 1973).

Aliás, para este acesso a uma existência histórica sempre acrobática, o manejo do tempo dos verbos não basta, muito menos o dos advérbios de tempo: agora, a partir de agora, neste momento, de agora em diante, vindos todos da mesma raiz da palavra *hora*, *hora*; ou ainda: hoje, ontem, amanhã, antes, depois, durante... Toda conduta verbal pode ser vista como uma conduta temporal na medida em que representa – torna presente – aquilo que está ausente, no espaço ou no atual momento. Toda conduta verbal “presentifica” (Janet) o passado e o futuro, mas também o espaço. Neste sentido, pode-se dizer que ela muda o espaço em tempo, nem que seja por um instante. Muitos concordam em dizer que a duração do presente consciente não vai além de 1/16° de segundo. Mas a transformação ocorrida não desaparece como se nada tivesse acontecido, ela passa para a memória e pode se conectar com as seguintes.

A linguagem constitui, então, uma ferramenta importante de construção do tempo humano, como Ricoeur explorou profundamente em *Temps et récit* (1983, 1984, 1985). Ela utiliza o cérebro constantemente, com movimentos tão rápidos que anda mais rápido que qualquer outro tempo, podendo até voltá-los para trás. Ela permite operações de reversibilidade: pode-se – intelectualmente – voltar para trás, lembrar-se, refletir, assim como em operações de antecipação: prevenir, prever, projetar. Sobre os vários declives escorregadios do *iceberg*, a humanidade dispõe nessa situação, para construir seu tempo, de vantagens capitais, o cérebro e a linguagem. Vamos ver como ela os usa, em face das rupturas temporais provocadas pelo encontro de contratempos necessitando de espera e do passar dos tempos vazios, moldes ociosos.

#### **4. UM IMPERATIVO: ESPERE!**

Quantas vezes a existência humana não se apresenta pontuada por este imperativo, desde o bebê esperneando com os braços erguidos para um seio ou uma mamadeira que demora, as inúmeras filas e salas de espera que congestionam a vida moderna, até o velho

vegetal que já não espera nada, exceto a morte, fim da espera. Fim da vida? Estes dois comportamentos – de espera e de vida – parecem tão ligados que é difícil dissociá-los. A espera – tensão dirigida – parece na verdade um comportamento vital, crucial de articulação temporal entre um organismo e seu meio ambiente. Nenhum animal pode sobreviver de forma autônoma se não expandir seu presente imediato para uma duração temporal mais longa, para um futuro, através de uma ação forçada dirigida (caça, busca...) ou, ao contrário, de relaxamento (repouso, brincadeira). Em todo caso, a espera é um comportamento temporal-chave cuja vivência condiciona as relações com tempo, mas principalmente contratempo e entretempo e, com isso, uma boa parte da vida. *"A espera mantém com o tempo uma dupla relação. De um lado... ela sente o tempo ao mesmo tempo como intervalo e como labilidade, ao mesmo tempo como a incompreensível realidade do intervalo e como aquela eterna passagem trazendo e levando tudo... Por outro lado... é aí que ele se produzirá, a nossos olhos, no horizonte deste presente sempre já aqui."* (Grimaldi N., 1993, p. 40)

Desde o começo deste século afirmava-se que o tempo é originalmente o intervalo consciente entre a necessidade e sua satisfação, *"e que se deve ver no bebê esperneando para ser alimentado 'o germe da idéia do devir'". Mais tarde, no desenvolvimento aparecem os processos secundários descritos pela psicanálise que repousam na organização de um intervalo de tempo entre um desejo e sua satisfação.*" (Montangero J., 1979, p. 181) Assim, os comportamentos de espera manifestam-se entre um princípio de prazer e um princípio de realidade a ser identificado, reconhecido, organizado e articulado. Sua importância parece ligar-se àquela posição intermediária, interface, àquela dupla sujeição a ser administrada: a necessidade, o desejo de uma satisfação funcional imediata (imediatamente) e a impossibilidade objetiva de uma fusão instantânea. Radicalizando os pólos, estas atitudes são tomadas entre um infinito do desejo e uma total impotência. De onde a dificuldade, mas também o desafio vital de sua vivência.

Contra esta dupla sujeição se choca de forma temporal, desde o início da vida, o bebê tenso em direção ao seio: ao tempo fisiológico de satisfação de sua fome opõe-se um contratempo social de ausência do outro. Surge então um entretempo de espera, vazio, vazio de mundo; vazio do fim de um mundo, o do feliz sincronismo matricial mãe-feto, mas cheio da fome de um outro, fome cuja satisfação – dependendo de tempo e contratempo – abre um entretempo a si mesmo a ser preenchido. Esta ruptura temporal produzida pelo contratempo da ausência do outro deve criar um vácuo, um vazio socio-biológico tão difícil de preencher que talvez não seja hiperbólico denominar o entretempo como nada. E, no entanto, é a ocupação deste que permitirá a criação de uma temporalidade própria, de uma história pessoal; a criação sensório-motora, inicialmente pelos movimentos e gritos provocados, depois operatória e formal pela ordenação e pela coordenação das ações, dos sons e das imagens para combater esse vazio, esse entretempo social e biológico.

Com e contra a primeira experiência de continuidade temporal vital do seio materno, estabelece-se por isso desde o nascimento uma experiência de descontinuidade temporal entre um outro e si mesmo, descontinuidade feita de tempo biológico, de contratempos sociais e de entretempos vazios pelos quais se tem que passar. O tempo, postula Lévinas (1979), é a própria relação do sujeito com outrem, relação de não-coincidência, mas relação permanente, criadora. Esta experiência original de tempos múltiplos fragmentados leva a pensar com Bachelard que *"a continuidade psíquica é não um dado, mas um trabalho"* (Bachelard G., 1963, p. 8). Ela também desperta o interesse em fazer voltar o princípio da negação até a própria realidade temporal... *"Há uma heterogeneidade fundamental no próprio seio da duração vivenciada, ativa, criativa... Para realmente conhecer ou utilizar o tempo é preciso ativar o ritmo da criação e da destruição, do trabalho e do repouso."* (Bachelard G., 1963, p. 8)

Sobretudo porque este comportamento mais ou menos ativo de espera, esta experiência de descontinuidade temporal se repete depois continuamente. Ela chega a ser uma quase-instituição de administração social: o *Queuing institution*, com a regra do *First In, First Out* (FIFO) para o acesso aos diferentes serviços, estabelece a fila como sistema de regulamentação social (cf. Moles A., 1984, pp. 29). Sistema que tem seus horários, seu ritmo, suas leis, seus freqüentadores, seus inspetores e seus aproveitadores. A vida inteira é sobrecarregada por um imposto de espera (cf. Moles A., 1984, p. 23-32), imposto direto e indireto com recolhimento variável e de natureza variada, social, biológica, psíquica. Socialmente, quanto mais pobre for o contribuinte, mais pesado será este imposto temporal de espera. Não são os ricos que povoam as filas e as salas de espera, mas os pobres, que assim perdem boa parte de seu tempo pessoal para ter acesso às assistências sociais; seu tempo tem um valor social tão pequeno que pode ser tomado quase à vontade. Volte amanhã. Imposição de uma temporalidade burocrática que aumenta a distância entre a necessidade ou o desejo e a satisfação. Este esticamento da espera instala os assistidos sociais em uma temporalidade permeável e gelatinosa que lhes dá pouco poder para sincronizar devir pessoal e devir socioprofissional. Eles se arrastam, se afundam e se consomem em espaços vãos, entretempos que muitas vezes acabam eliminando toda possibilidade de produção histórica pessoal.

Na outra extremidade social, o *jet set* nunca pretende esperar, ou o menos possível. Tudo deve se encadear quase imediatamente. Ele se beneficia com o imposto antecipado sobre o tempo dos outros. São os outros que esperam por ele. Mas se esta aceleração do tempo social consegue reduzir os tempos de espera, nem por isso os elimina. Este "superativismo" é preparado e sustentado por longos períodos de maturação, de reflexão, de planificação. Por outro lado, ele não representa na vida de uma pessoa senão um tempo, como se diz. Ou seja, um período preparado por muito tempo de espera e seguido cedo ou tarde de contratempos físicos, biológicos, sociais, técnicos, os quais toda pessoa precavida deve prever para se preparar melhor.

Quer aumentem ou diminuam socialmente, na verdade parece que os tempos de espera constituem um imposto temporal inevitável a ser pago aos desenvolvimentos biológicos, econômicos e ecológicos. Imposto devido à diversidade e à heterogeneidade das temporalidades que passam por nós e impõem ritmos diferentes de sincronização.

Como é pago este imposto temporal da espera? As situações, as maquinações, as estratégias, até mesmo as políticas de pagamento são variadas demais para que, pelo menos, tentemos aqui um início de tipologia. P. Sivadon o verifica para as situações de trabalho distinguindo as esperas estáticas, passivas e ativas (Sivadon P. *et alii*, 1983, p. 83-106). Ainda aqui palavras comuns podem servir como indicadores elementares para dar uma idéia do leque muito contrastante da natureza dos comportamentos de espera. Neste particular são usadas as expressões tempo morto, tempo forte e tempo livre. Dependendo do uso empregado, este imperativo de espera mata ou libera tempo. Como se explica esta dualidade?

Para aproximar estes produtos opostos, é preciso recolocá-los em seu processo de produção que não é lógico, nem mesmo cronológico no sentido de encadeamento linear, mas dialético: o tempo de espera é tomado conflitualmente entre um tempo e um contratempo, conflito que pode matar todo o tempo ou, ao contrário, transformar seus diferentes componentes.

O tempo de espera vira tempo morto por bloqueio no primeiro momento do conflito. A oposição ao tempo trazida pelo contratempo é tal que mata toda possibilidade de produção temporal entre os dois. A tensão, a pressão é tal que mata o tempo, quer dizer, o devir, parando-o em um elemento do processo. Este fica compulsivamente fixado ao tempo inicial perturbado, agressivamente fixado ao contratempo encontrado ou desamparado com o entretempo provocado.

O tempo morto vira tempo livre quando a primeira oposição do contratempo é deixada para trás, quando seu contra é ele próprio contraposto. Este contratempo é então vivenciado como momento positivo de emergência de um entretempo livre, livre de imposições dos tempos e contratempos que o dominaram. O tempo de espera vira então tempo de relaxamento, que é preenchido de passatempos gratuitos e desenvolve uma temporalidade imaginária de sonho, de brincadeira, de livres associações.

Este tempo livre da espera-relaxada vira tempo forte quando a produção temporal imaginada é realizada, transformando o tempo e o contratempo que a provocaram. De tensão mortal ou de relaxamento lúdico a espera passou a ser energia criativa. Assim a usam os criadores cujo movimento inicial só chega a se impor socialmente depois de longos caminhos, de longas travessias do deserto.

## CONCLUSÃO

### MANTENDO O EQUILÍBRIO SOBRE UM *ICEBERG*

O curso do tempo foi abordado a partir da linguagem comum que nos faz flutuar de forma quase involuntária: Que data? Que horas? Que idade? – perguntas que são referências diárias permitindo a localização no tempo. Mas por práticas que sejam as rápidas respostas numeradas, elas exigem uma decifração se não se quiser reduzi-las a coordenadas numerológicas.

Por esta razão esta plataforma da linguagem comum parece ser de fato um *iceberg* com declives escorregadios cujas pontas visíveis repousam sobre partes profundamente submersas. Tudo se move permanentemente e através de movimentos variados. Estar nos tempos – com tempo e contratempo – exige portanto uma difícil sincronização dos movimentos. Como esta ginástica acontece atualmente? Qual é o estado geral da população do *iceberg*? Vários diagnósticos já foram feitos. O que dizem?